



MAIS

Serviço

O Folebaixo Lounge apresenta-se amanhã, às 21h, no largo do Ordovás (Luiz Antunes, 312), com entrada franca. Em caso de chuva, o show será transferido para o Zarabatana Café. O CD *Lounge*, lançado neste ano, estará à venda a R\$ 25.

mesclas

É uma remissão ao drum and bass o curioso nome Folebaixo Lounge, duo esperto de música eletro-orgânica curitibano que baixa em Caxias do Sul amanhã.

– O drum foi substituído pelo fole, do acordeom, e o bass foi abrasileirado. Folebaixo também é uma brincadeira com “fala baixo”, que remete um pouco ao lounge, usado nas nossas composições, assim como o drum and bass – explica a acordeonista Marina Camargo.

Ela cria, ao lado do baixista, guitarrista e produtor musical Marcelo Pereira, a outra metade do duo, sonoridades que colam paisagens meridionais a programações e batidas eletrônicas, como mostra o disco *Lounge*, lançado neste ano. Não à toa, o Gotan Project surge na conversa.

– Aprendi a tocar “gaita” tocando música gaúcha, e quando montamos o Folebaixo fui trazendo um pouco dessa sonoridade para as nossas composições. Já a influência do tango vem um pouco da minha experiência como acordeonista. Mas também de um grupo do qual gostamos muito, e que faz muito bem essa mistura da música eletrônica com o tango, que é o Gotan Project.

O eletrônico também aparece no impacto visual do duo, com o uso de projeções, como esta da foto, e no uso das “acapella”, recurso para inserir trechos de falas, geralmente de filmes, nas músicas.

– É uma fala que se repete e guia o ouvinte a pensar onde aquela pessoa está, em qual situação e o

que a música quer dizer com aquilo – situa Pereira.

Em músicas como *Agreste e Destino*, as mensagens vêm de filmes brasileiros sobre cangaço e luta pela terra, já em *Catarse* há recortes de artistas paranaenses.

– A música é como uma câmera filmando a paisagem flagelada, e o acordeom entra como a trilha desta luta imaginária. O ouvinte interpreta de acordo com as suas referências, virando um coautor da obra. O mesmo não ocorre em uma música com a letra pronta, onde por maior que seja a licença poética, a interpretação dela tem limites – prossegue Pereira.

Nem por isso a dupla deixou de colocar letras em algumas canções. As excelentes *Maré*, a mais bossa do disco, e a balada *Melancolia* são cantadas pela convidada Juliana Cortes, uma prova do dinamismo do duo, que pensa até em fazer um projeto voltado a músicas com vocal.

Mas o foco, por ora, é na música instrumental, vetor de ambiências sonoras para Pereira:

– Quem trabalha com música instrumental costuma experimentar mais possibilidades harmônicas e rítmicas que não cabem na música pop. Tem também a linguagem da improvisação, que é uma característica do gênero. Nós tentamos equilibrar uma música que seja acessível e dançante, mas com um certo cuidado nos arranjos... no acabamento... uma certa sofisticação... Mas que soe natural, não muito cerebral.